

DEUSES EM RUÍNAS: A REINVENÇÃO DOS MITOS GREGOS NA SÉRIE KAOS

GODS IN RUINS: THE REINVENTION OF GREEK MYTHS IN THE SERIES KAOS

Dolores Puga*
dolores.puga@ufms.br

RESUMO: Este artigo analisa a série *Kaos* (Netflix, 2024) à luz dos Estudos de Recepção, Adaptação e da Literatura Comparada, investigando de que modo a mitologia grega é ressignificada no audiovisual contemporâneo. Busca-se compreender como os mitos antigos, ao serem apropriados pela cultura pop, são transformados em narrativas críticas que problematizam poder, identidade e gênero. A análise destaca a desconstrução de hierarquias divinas, a valorização de personagens marginalizados e a incorporação de estéticas híbridas que articulam tradição e inovação. Argumenta-se que *Kaos* reafirma a vitalidade dos mitos gregos como dispositivos narrativos ativos, capazes de expressar disputas simbólicas e atualizar sentidos coletivos no presente.

PALAVRAS-CHAVE: Mitologia grega; Recepção; Série *Kaos*.

ABSTRACT: This article analyzes the series *Kaos* (Netflix, 2024) through the lens of Reception Studies, Adaptation Studies, and Comparative Literature, investigating how Greek mythology is re-signified in contemporary audiovisual media. It seeks to understand how ancient myths, when appropriated by pop culture, are transformed into critical narratives that problematize power, identity, and gender. The analysis highlights the deconstruction of divine hierarchies, the valorization of marginalized characters, and the incorporation of hybrid aesthetics that articulate tradition and innovation. The article argues that *Kaos* reaffirms the vitality of Greek myths as active narrative devices, capable of expressing symbolic disputes and renewing collective meanings in the present.

KEYWORDS: Greek mythology; Reception; *Kaos* series.

Introdução

Os mitos gregos seguem exercendo forte influência sobre a cultura ocidental e global, sendo constantemente revisitados em diferentes mídias, como a literatura, o cinema e, mais recentemente, as séries audiovisuais. Suas figuras heroicas, deuses instáveis e dilemas morais continuam a inspirar releituras que dialogam com os conflitos e as sensibilidades do presente. No século XXI, com o crescimento das plataformas de *streaming*, esses mitos passaram a

* Doutora em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) na linha Poder e Discurso. Professora do curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campus de Três Lagoas, e docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da mesma instituição. Mestre em História Social pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), na linha de pesquisa Linguagens, Estética e Hermenêutica, e graduada em História pela mesma universidade. Possui como atual objeto de pesquisa o teatro grego clássico e os usos da antiguidade pela contemporaneidade na arte em geral, no teatro brasileiro e em práticas culturais.

circular em escala global, tornando-se mais acessíveis e sujeitos a ressignificações que desafiavam tanto o cânone clássico quanto os modos tradicionais de narratividade. Nesse cenário, a série *Kaos* (Netflix, 2024), criada por Charlie Covell, se destaca por propor uma leitura crítica e irônica da mitologia grega, marcada pela decadência do Olimpo, pela instabilidade das divindades e pela contestação de antigas hierarquias.

O interesse acadêmico por obras como *Kaos* insere-se no campo dos Estudos de Recepção, que investigam como diferentes sociedades reinterpretem o passado conforme seus valores, experiências e inquietações (Hardwick, 2009). Além dessa perspectiva, este estudo dialoga também com os Estudos de Adaptação, notadamente com as reflexões de Linda Hutcheon. A autora, que pesquisa sobre as novas mídias e canais de difusão em massa, entende a adaptação não como uma simples cópia, mas como um processo de “repetição com variação, do conforto do ritual combinado à atração da surpresa” (Hutcheon, 2013, p. 25), questões que envolvem tanto continuidade quanto mudança.

Nesse sentido, sua abordagem oferece fundamentos específicos para compreender a transposição de narrativas clássicas para mídias contemporâneas, pois evidencia que adaptar é sempre reinterpretar, embora represente a retomada de uma referência inicial. Essa abordagem amplia as fronteiras disciplinares da crítica literária ao considerar o mito como uma matriz simbólica e narrativa que atravessa os séculos, sendo constantemente atualizada por meio da intertextualidade e da adaptação estética. Quando transpostos para o universo do audiovisual contemporâneo, os mitos mantêm sua força estruturante e simbólica, ao mesmo tempo em que se tornam dispositivos críticos que permitem tensionar discursos de poder, identidade e representação.

A série *Kaos* apresenta uma releitura contemporânea da mitologia grega, ambientando os deuses do Olimpo em um universo à beira do colapso. Zeus, figura central da narrativa, torna-se paranoico ao acreditar que está perdendo o controle sobre o mundo e teme o cumprimento de uma antiga profecia que ameaça sua supremacia. Paralelamente, humanos comuns começam a perceber que suas vidas estão conectadas a essa crise divina, tornando-se peças-chave em uma possível ruptura da ordem tradicional. A série entrelaça drama, ironia e crítica social, desconstruindo hierarquias míticas e refletindo, por meio da ficção, as tensões simbólicas e políticas do presente.

Ao trazer divindades dotadas de conflitos psicológicos, dilemas éticos e subjetividades complexas, *Kaos* rompe com leituras cristalizadas da tradição greco-romana e propõe uma atualização dos mitos para um público global,¹ conectando-os a temas urgentes como a desigualdade, o colapso das autoridades e as disputas em torno das representações de gênero. Sua narrativa não se limita à releitura de personagens antigos, mas os reposiciona em um universo híbrido, no qual o passado clássico e a cultura pop² contemporânea se fundem.

Ao mobilizar narrativas míticas herdadas de uma tradição ocidental e reimaginá-las no formato audiovisual contemporâneo, *Kaos* insere-se em um campo que também dialoga com a Literatura Comparada, na medida em que promove o trânsito entre diferentes culturas, tempos e gêneros. Nesse contexto, o mito atua como elemento estruturante da narrativa e como dispositivo simbólico compartilhado, permitindo a interlocução entre formas narrativas clássicas e contemporâneas, em consonância com os estudos comparatistas que compreendem a relação semiológica da literatura com outras artes (Carvalho, 2006, p. 49), pensando o próprio sistema mitológico literário como campo frutífero de inspiração das sociedades ao longo do tempo, como também da hodiernidade.

Esse artigo busca, assim, investigar como os mitos são ressignificados no audiovisual contemporâneo, com ênfase em suas articulações entre narrativas simbólicas e a recepção crítica. Serão discutidas as tensões entre tradição e inovação, a influência da cultura pop na atualização do repertório mítico, os desafios da hibridização cultural³ em um cenário global e a forma como a série projeta dilemas modernos sobre estruturas narrativas arcaicas. Ao abordar esses aspectos, pretende-se demonstrar que *Kaos* reafirma a vitalidade dos mitos gregos como ferramentas interpretativas potentes, capazes de refletir as complexidades do

¹ Segundo Néstor Canclini, o global e a globalização permeiam estudos como dos sociólogos Anthony Giddens e Ulrich Beck que consideraram a ideia de global como a culminação das tendências e conflitos modernos, em que a globalização nos colocaria no desafio de configurar uma “segunda modernidade”, mais reflexiva, que ao invés de impor uma racionalidade secularizante, aceitasse a pluralidade das tradições diversas (Canclini, 1998, p. 23).

² Para Henri Jenkins, a chamada “cultura pop”, ou cultura popular contemporânea, deve ser analisada como uma “cultura da convergência”, em outras palavras, não pode ser pensada como aquela em que o público simplesmente consome, mas um campo em que ele atua ativamente, reconfigurando e ressignificando conteúdos herdados. Isso condiz com a compreensão de uma sociedade do espetáculo, das redes sociais, dos streamings e transmídia. (Jenkins, 2009, p. 27-31; 133-134).

³ Para Néstor Canclini, hibridização cultural é o processo por meio do qual elementos provenientes de culturas diferentes se mesclam, se transformam e geram novas formas culturais (Canclini, 1998, p. 13-31). Esse conceito é especialmente útil para entender fenômenos culturais na modernidade e na globalização, nos quais fronteiras entre o tradicional e o moderno, o local e o global, o erudito e o popular, se tornam cada vez mais porosas.

presente e de alimentar debates sobre identidade, autoridade e representação no universo cultural contemporâneo.

Mitologia reimaginada: a popularização do passado antigo

Os mitos gregos constituem narrativas arquetípicas cuja permanência na tradição cultural se deve, em grande parte, à sua flexibilidade e capacidade de ressignificação. Desde sua transmissão oral na Antiguidade até suas múltiplas reescrituras modernas, essas histórias conservaram um caráter simbólico aberto à atualização, sendo continuamente reapropriadas por diferentes linguagens e suportes — da literatura ao cinema, da poesia ao audiovisual seriado. Nesse contexto, a série *Kaos* exemplifica uma tendência contemporânea de retomar a mitologia grega sob uma ótica crítica, distópica e culturalmente híbrida, deslocando os antigos deuses de seu lugar canônico para inseri-los em novos jogos de significação.

Mais do que apenas recuperar ou referenciar os mitos clássicos, *Kaos* realiza uma reinterpretação substancial das relações entre deuses e mortais. Ao contrário de adaptações que buscam fidelidade estilística ou temática à tradição, a série opera uma subversão simbólica e narrativa, ressignificando personagens arquetípicos para abordar dilemas contemporâneos. A diversidade da cultura da antiguidade é, assim, um campo continuamente reconfigurado pelos valores e culturas de sociedades subsequentes que a atualizam, inspirados em trabalhos criativos (Hardwick, 2003, p. 03), muitas vezes como forma de produção literária ou artística.

De acordo com Hutcheon, a adaptação é ao mesmo tempo “produto formal”, “processo de criação” e “prática de recepção” (Hutcheon, 2013, p. 29-31). Enquanto produto, não é apenas um processo criativo, mas também o resultado final dessa criação, e o público têm consciência dessa transposição, que se configura em uma singularidade. Enquanto processo de criação, é uma transcodificação de uma obra para outro meio, contexto ou ideologia. E enquanto prática, envolve a recepção ativa de públicos que comparam, reconhecem e reinterpretam os vínculos entre a obra adaptada e sua referência simbólico-cultural. A série *Kaos*, ao transpor a mitologia grega para a televisão contemporânea, atua nesses três níveis: como obra audiovisual original, como transposição do repertório clássico e como provocação crítica para espectadores que reavaliam os mitos à luz do presente.

Nessa linha, Hutcheon enfatiza que a adaptação é uma “reinterpretação criativa” (Hutcheon, 2013, p. 47), em que o diálogo com a tradição nunca é estático, mas se reinventa a partir das condições históricas e estéticas do tempo em que surge. Assim, *Kaos* não apenas reutiliza narrativas antigas, mas as reinscreve de modo a produzir novos significados sociais e políticos, reafirmando que as adaptações funcionam como formas críticas de continuidade cultural.

Nesse processo, a desconstrução da figura divina é central. Os deuses em *Kaos* não são onipotentes nem estáveis: surgem emocionalmente frágeis, envolvidos em crises de identidade e moralidade. Sentimentos como inveja, desejo, medo e insegurança ganham protagonismo, tornando-se alegorias de tensões modernas como a instabilidade institucional, o colapso das lideranças e a crise das autoridades. A representação da decadência do Olimpo sugere uma crítica direta aos sistemas tradicionais de dominação, e ecoa a lógica das tragédias gregas e dos pensadores do século V AEC, na qual até os deuses podiam errar (Dodds, 2002, p. 37-38).⁴

A série combina tradição e inovação ao conservar elementos estruturais da mitologia grega — como o panteão liderado por Zeus — ao mesmo tempo em que introduz uma tessitura narrativa marcada por traumas, subjetividades e conflitos éticos. A leitura política dessa operação é explícita: *Kaos* mobiliza os mitos não apenas como herança simbólica, mas como campo discursivo de crítica. Os deuses são representados como figuras autoritárias, ambíguas e por vezes grotescas, e sua autoridade é constantemente desafiada. Em lugar da majestade divina, vê-se a fragilidade dos sistemas que sustentam tanto o Olimpo quanto as instituições humanas. A série espelha, assim, uma sociedade em que a autoridade está em crise, o poder se fragmenta e o imaginário coletivo exige novas formas de representação e resistência.

⁴ “É apenas no período arcaico tardio, e nos primórdios dos tempos clássicos, que a ideia de *phthonos* [inveja, ciúme] se torna uma ameaça opressiva, uma fonte - ou uma expressão - de ansiedade religiosa. Assim é em Sólon, em Ésquilo, e sobretudo em Heródoto. Para este último a história é sobredeterminada - enquanto aparece abertamente como resultado de propósitos humanos, também deixa ao olhar penetrante a possibilidade de detectar por toda a parte o dissimulado trabalho do *phthonos*. Dentro deste mesmo espírito, o Mensageiro, na tragédia *Os persas*, atribui a falha de sabedoria tática de Xerxes em Salamina à astúcia dos gregos que o enganaram, e ao mesmo tempo ao *phthonos* dos deuses, trabalhando por meio de um *alastor* [espírito vingativo] ou de um mau *daemon* [espiritualidade ruim] — o acontecimento é, portanto, duplamente determinado, sobre um plano natural e sobre outro sobrenatural.” (Dodds, 2002, p. 37-38).

Esse processo se insere em um panorama mais amplo de desmistificação das figuras tradicionais de autoridade na cultura contemporânea. Se, na Antiguidade, os mitos reforçavam a hierarquia entre deuses e humanos, hoje são frequentemente usados para interrogá-la. Em *Kaos*, esse deslocamento aparece na erosão das hierarquias divinas e na ascensão de personagens que desafiam os papéis impostos, o que evidencia uma estética da ruptura, o estado de uma subversão narrativa que liquefaz os padrões, pelo próprio advento do que Zygmunt Bauman denomina como “modernidade líquida”, refletindo como as velhas ideias e conceitos não mais fazem sentido nas práticas e no pensamento do mundo moderno (Bauman, 2001, p. 12).

A série também se vale de recursos audiovisuais que reforçam sua proposta crítica: em vez de uma ambientação idealizada da Antiguidade, *Kaos* aposta em uma estética sombria e anacrônica, marcada por traços híbridos entre o clássico e o contemporâneo. O uso de linguagem acessível, de metáforas visuais potentes e de referências da cultura pop aproxima o mito do repertório cultural de um público diverso e globalizado.

Para Charles Martindale, toda recepção é uma forma de criação, ou seja, a leitura do passado é sempre uma construção do presente. Em outras palavras: “[...] não podemos retornar a nenhum significado original totalmente livre de acréscimos subsequentes. O significado é produzido e trocado social e discursivamente [...]” (Martindale, 1993, p. 7). A série se insere, portanto, em um contexto mais amplo de obras que reativam os mitos em novas linguagens. Filmes como *Fúria de Titãs* (2010), animações como *Hércules* (Disney, 1997) e a série literária *Percy Jackson*, de Rick Riordan (2005 a 2009) – adaptada como filme em 2010 e 2013 (não tão fiéis às obras literárias) e série de streaming na Disney+ a partir de 2023 –, demonstram a vitalidade das narrativas clássicas no imaginário pop contemporâneo. Essa circulação envolve não só a permanência dos mitos, mas sua transformação em função das expectativas estéticas e ideológicas da cultura de massa.

Entre as estratégias mais recorrentes nessas reconfigurações está a humanização ainda mais latente das divindades. Enquanto na tradição helênica os deuses apareciam como figuras distantes e superiores, *Kaos* os retrata em sua fragilidade e ambivalência. A dúvida e a dor tornam-se recursos dramáticos e simbólicos que permitem ao espectador reconhecer nesses personagens dilemas humanos. Além da humanização, *Kaos* utiliza os mitos como ferramenta crítica. A série projeta nas figuras divinas os sintomas de sistemas corrompidos,

estruturas de opressão e relações assimétricas, promovendo uma reinterpretação que evoca a função trágica da narrativa mítica. Assim como nas tragédias gregas de Ésquilo ou Eurípides, os deuses tornam-se emblemas de conflito e ruína, desvelando as fissuras da ordem que representam.

A cultura pop, nesse sentido, atua como meio de reinvenção mitológica. A circulação global das narrativas por meio do *streaming* e de produtos transmidiais permite que os mitos deixem de pertencer a uma única tradição e passem a ser apropriados por diferentes culturas. Esse movimento — que envolve recriação, negociação e hibridismo — resulta em versões plurais e conflitantes, mas também expande o alcance simbólico das narrativas antigas.

Em suma, *Kaos* representa mais do que um produto de entretenimento: é uma instância narrativa que reinscreve os mitos clássicos no presente. A série evidencia que o mito, enquanto estrutura simbólica e narrativa, permanece vivo não por sua rigidez, mas por sua capacidade de ser relido e reescrito. Ao integrar passado e presente, tradição e ruptura, *Kaos* revela que a mitologia grega continua sendo uma ferramenta expressiva para narrar, interrogar e reinventar o mundo.

Desafios da hibridização cultural: mitos gregos e narrativas globais

Na adaptação audiovisual contemporânea, os mitos gregos atravessam fronteiras e se tornam objetos de uma mediação globalizada, ainda que marcada por tensões. Transpor essas narrativas para outros contextos culturais frequentemente implica deslocamentos semânticos, distorções estruturais e reformulações simbólicas.

Por um lado, ainda que a série *Kaos* subverta aspectos do cânone clássico, permanece inserida em um imaginário consolidado, que continua a centralizar a tradição greco-romana como matriz simbólica hegemônica — um ponto discutido por Eric Hobsbawm ao tratar da “invenção das tradições” como mecanismo legitimador do Ocidente moderno (Hobsbawm, 2008, p. 9-23). Por outro lado, a mitologia grega, embora historicamente ancorada na tradição helênica, tornou-se um repertório simbólico transnacional, amplamente apropriado, reinterpretado e reescrito por diferentes culturas ao longo do tempo. Essa circulação e transformação de mitos pode ser compreendida à luz da hibridização cultural (Canclini, 1998), conceito que aponta para os modos como símbolos e estruturas narrativas são mesclados e

reformulados ao entrarem em contato com outras tradições e linguagens, apresentando uma ficção que permeia uma crítica política.

Dessa forma, além de *Kaos* transformar Zeus de um símbolo de autoridade suprema em um personagem frágil, paranoico e cada vez mais alheio ao controle do Olimpo, faz com que Hera, antes figura secundária e vingativa, ganhe contornos mais politizados. Essas novas demandas culturais e ideológicas, que moldam a reconfiguração dos mitos em *Kaos*, estão diretamente ligadas às urgências do presente. No cenário global de 2024, questões como o colapso climático, a crise das democracias liberais, o crescimento do autoritarismo político e os embates em torno de direitos de minorias marcaram o debate público e cultural. O delírio de Zeus, sua tentativa de manter o controle a qualquer custo – questões que serão melhor exploradas ao longo desse artigo –, refletem um imaginário contemporâneo saturado pela erosão das lideranças tradicionais, pelo descrédito institucional e por uma crescente desconfiança na legitimidade do poder. A representação do Olimpo como um sistema corroído por intrigas, medo e vigilância ecoa as denúncias sociais sobre governos da extrema direita, hipervigilância digital e o desgaste das democracias formais.

Ao mesmo tempo, a ascensão de figuras femininas com maior autonomia narrativa, como Hera, responde a uma demanda crescente por representações mais plurais e críticas das identidades de gênero, intensificada por mobilizações feministas e interseccionais ao redor do mundo. Em 2024, por exemplo, o fortalecimento de políticas regressivas em relação aos direitos reprodutivos em diversos países — incluindo restrições ao aborto e perseguições a movimentos LGBTQIA+ — acentuou a urgência por narrativas que questionem o patriarcado e deem visibilidade à raiva feminina como forma legítima de resistência. *Kaos* sintoniza-se com esse momento ao revisitar personagens tradicionalmente silenciadas ou demonizadas, concedendo-lhes agência política e subjetiva.

Do ponto de vista estético e narrativo, a série dialoga com um público que consome ficção em múltiplas plataformas, acostumado a hibridismos de linguagem, a estruturas fragmentadas e a experiências audiovisuais que rompem com o épico clássico. As reconfigurações dos mitos são feitas não apenas para adaptar conteúdos antigos, mas para atender a uma nova sensibilidade estética, marcada por distopias visuais, humor ácido, metalinguagem e críticas sociais incorporadas à ficção *mainstream*. Assim, a apropriação ativa

dos mitos em *Kaos* expressa não apenas um gesto literário ou artístico, mas um movimento político-cultural que responde, provoca e reflete as tensões históricas de seu tempo.

A nível estético, é possível perceber, por exemplo, a escolha por um viés da quebra de paradigmas tradicionais de filmagem, quando Prometeu, um dos personagens da série, olha para a câmera diversas vezes, falando diretamente com o público sobre os absurdos que escuta de Zeus. Este, embora tenha dedicado um dos castigos mais terríveis a Prometeu,⁵ retira-o variados momentos de seu suplício para lhe fazer questionamentos que remontam insegurança e falta de controle. A estética da “quebra da quarta parede”, muitas vezes utilizada pelo teatro engajado para reflexões políticas, é usado em *Kaos* como um dos pontos altos da comédia sarcástica própria da obra.

No centro dessa discussão está, assim, o equilíbrio entre uma certa fidelidade narrativa mítica “original” e a sua inovação estética. Em *Kaos*, a fidelidade não é filológica nem arqueológica, mas simbólica: o mito é respeitado enquanto estrutura de sentido, mas atualizado em seus conflitos centrais. As disputas de poder, as hierarquias abaladas, a rebeldia dos mortais — todos esses elementos traduzem o conteúdo mítico para a linguagem simbólica da contemporaneidade. Essa tradução é, por si só, uma operação comparatista e narrativa, em que diferentes sistemas de significação entram em jogo.

A simplificação de certos conflitos, a ênfase em dilemas universais (como identidade, reconhecimento e autoridade) e a dramatização das relações entre personagens fazem parte desse esforço de tornar o mito acessível e ressonante para um público globalizado. Trata-se de uma mediação estética que opera não apenas sobre o conteúdo, mas sobre a forma: o ritmo, o enquadramento e a construção dos episódios revelam uma adaptação da poética trágica grega às convenções da narrativa seriada contemporânea.

⁵ Na obra *Trabalhos e Dias*, de Hesíodo, Prometeu aparece como uma figura central na explicação mítica da origem dos males da humanidade e da punição divina. Segundo o poeta, Prometeu, um titã astuto, engana Zeus ao oferecer-lhe a pior parte de um sacrifício — ossos cobertos por gordura — reservando a melhor parte, a carne, para os humanos. Irritado com o ardil, Zeus decide punir não apenas Prometeu, mas toda a humanidade: retira dos homens o fogo, essencial à sobrevivência. Prometeu, no entanto, rouba o fogo de volta, escondendo-o dentro de um caule de planta, e o devolve aos mortais. Como resposta a essa desobediência, Zeus impõe uma dupla punição: condena Prometeu a ser acorrentado a um rochedo, onde uma águia devora diariamente seu fígado, que se regenera à noite; e cria Pandora, a primeira mulher, enviada aos homens como portadora de todos os males. Assim, o castigo de Prometeu está ligado ao seu desafio à autoridade de Zeus e à sua escolha de beneficiar os humanos com o fogo e a técnica. (*Trabalhos e Dias*, v. 521-570).

Em suma, a adaptação contemporânea dos mitos gregos em *Kaos* ilustra os desafios e potencialidades da hibridização em tempos de globalização. A série revela como os mitos, ao serem apropriados por outras mídias e culturas, continuam a desempenhar um papel central nas disputas por identidade, poder e sentido. Nesse processo, não apenas sobrevivem, mas ganham nova potência crítica — como textos vivos, transnacionais e comparáveis.

Deuses caídos: a desconstrução do poder divino no século XXI

Na tradição helênica, os mitos gregos serviram não apenas como explicações cosmogônicas, mas também como dispositivos de legitimação política e social da autoridade e a centralidade do poder patriarcal. A série *Kaos* rompe com esse paradigma ao retratar um Olimpo em ruínas. A figura de Zeus torna-se o epicentro dessa reconfiguração. O deus, tradicionalmente representado como símbolo de virilidade, poder e equilíbrio, é desconstruído em uma figura patética e ansiosa, dominada por surtos persecutórios e por um medo constante de ser traído, não apenas pelos mortais, mas também por sua esposa Hera — o que denota uma interpretação bem divergente à tradicional sobre a relação da deusa com Zeus, uma vez que é ele quem sempre a trai por mulheres mortais, e isso se mantém na obra. Em um dos trechos mais reveladores de sua desconfiança geral, Zeus questiona Prometeu, que apesar de tudo que fez a ele, o vê como “único amigo do mundo” (*Kaos*, 2024, ep.1, 23min35s). Após ter o monumento feito pela cidade de Olímpia, em homenagem aos deuses, boicotado por blasfemadores troianos, Zeus demonstra extremo receio:

ZEUS – Eu sou agradável? [...] As pessoas gostam de mim? Elas parecem não gostar de mim? [...] Ora, essa profecia... acho que vai acontecer. Está acontecendo. Lê aí.

PROMETEU – Eu sei o que diz...

ZEUS – Eu mandei ler.

PROMETEU – “Uma linhagem surge, a Ordem declina, a Família decai, o Kaos domina.”

ZEUS – “Uma linhagem surge”. Está vendo isso? [Mostra uma ruga na testa] Está vendo essa ruga aqui? [...] Esta é a linha, da linhagem. Encontrei ela agora. Eu deveria ser imortal. O que é isso? Estou envelhecendo? O que mais esperar? Osteoporose? Gengivite? Uma ameixa todo dia para o intestino? [Prometeu olha com ironia para a câmera]. Diz que a “ordem declina”. Estou declinando, meu amigo. A atitude dos humanos confirma isso. Estão

blasfemando. Acabaram de blasfemar meu monumento. Querem me derrubar. [...] Dediquei o suor do meu saco a esta família por tempo demais para ficar sentado vendo-a cair. Prometeu, você estava lá, você sabe! Você viu o que eu tive que passar com meu pai! Aquele maldito psicopata.

PROMETEU – Sim.

ZEUS – Eu não deveria me preocupar, porque tudo o que construí pode desmoronar, pode ser arruinado? Diga alguma coisa. Qualquer coisa!

(*Kaos*, 2024, ep.1, 20min50s – 22min56s)

Uma das principais motivações para o comportamento paranoico de Zeus é a existência de uma profecia que prevê sua queda. Segundo essa profecia, um mortal nascerá com uma marca (uma cicatriz nas costas) e esse humano terá o poder de desencadear o fim do reinado de Zeus, derrubando sua autoridade e inaugurando uma nova ordem. A profecia se torna um elemento central da narrativa, gerando tensão entre os deuses e alimentando o medo de Zeus de perder o controle sobre o Olimpo.

Essa profecia, embora não exista tal qual nos textos antigos, dialoga livremente com o motivo clássico da sucessão divina, muito presente na mitologia grega — como a sucessão de Urano por Cronos e de Cronos por Zeus, descrita por Hesíodo (*Teogonia*, v. 133-191; v. 453-506). Em *Kaos*, a série reinterpreta esse ciclo de destronamentos para refletir a crise das autoridades contemporâneas, tornando Zeus um símbolo de instituições decadentes, que vivem sob constante ameaça de ruptura.

Essa hesitação desestabiliza não apenas sua imagem, mas a própria ordem do Olimpo, construída sobre a crença em sua força e poder. No episódio seguinte, Zeus reforça à Prometeu essa fragilidade ao admitir que os seres humanos estão felizes e, por estarem felizes, não possuíam medo. Sem medo, não o idolatrariam. Zeus chega a propor de destruir “metade deles” para impor tensão e sentir que tudo estivesse de volta sob seu controle, sugerindo que os humanos teriam percebido que o deus havia enfraquecido (*Kaos*, 2024, ep.2, 24min17s – 25min11s). A autoridade de Zeus, portanto, se desfaz não por força externa, mas por colapso interno — o medo do desmascaramento é mais ameaçador do que qualquer golpe divino.

Essa implosão simbólica acompanha uma virada narrativa que desafia estruturas de poder historicamente consolidadas. A crise de Zeus funciona como alegoria das instabilidades que marcam as democracias contemporâneas, sobretudo nos anos recentes, em que governos

têm enfrentado crescente desconfiança popular, polarizações extremas, erosão institucional e a ascensão de discursos autoritários. O ano de 2024, por exemplo, atravessou disputas eleitorais polarizadas em diversas partes do mundo, mobilizações sociais, colapsos econômicos e conflitos armados — um pano de fundo que ressoa diretamente com o ambiente caótico e distópico de *Kaos*.

Essa leitura se expande a outras personagens divinas. Hades é representado como um irmão amargurado, frustrado com seu papel marginal e a indiferença de Zeus. Hera, por sua vez, se recusa a permanecer no papel submisso da mitologia tradicional e relembra Zeus de que, se ele é rei, ela é a rainha. Essa tomada de consciência representa mais que uma crítica conjugal; trata-se de uma insurgência política contra a estrutura patriarcal que sustenta o Olimpo. A crise, portanto, não é apenas da autoridade masculina, mas da legitimidade do sistema como um todo.

Kaos, nesse sentido, opera como uma alegoria potente para a transitoriedade do poder. O declínio dos deuses representa o esgotamento de estruturas verticais e hierárquicas, cujas promessas de ordem e justiça já não convencem. A fragmentação da autoridade também se manifesta nas relações entre os próprios deuses. Zeus já não governa sozinho. Outros deuses, percebendo sua instabilidade, articulam resistências e desafiam sua centralidade. O Olimpo deixa de ser uma monarquia simbólica para se tornar um campo de tensões, alianças frágeis e traições iminentes. Essa multiplicidade de vozes e disputas por poder reflete uma paisagem política marcada pelo esfacelamento das lideranças hegemônicas e pela ascensão de novos discursos, nem sempre democráticos, que disputam espaço no cenário midiático global.

Por fim, a humanização das divindades — seus traumas, medos e hesitações — é levada ao limite. A série sugere que, quando deuses sofrem como humanos, o mito perde seu valor transcendental e passa a refletir nossos próprios dilemas. A onipotência cede lugar à vulnerabilidade. O Olimpo torna-se um espelho distorcido de nossas sociedades fragmentadas, em que o poder é constantemente negociado, contestado e reconfigurado.

Em *Kaos*, os deuses caem não por insubordinação dos mortais, mas pela incapacidade de manterem o próprio mito. E é nesse colapso que o mito se reinventa — não mais como doutrina, mas como ficção crítica, aberta ao debate, ao conflito e à transformação.

História e distopia: reflexões sobre o mundo antigo e o futuro

Ao articular sua narrativa em torno de uma estética distópica, ao mesmo tempo em que rompe com idealizações da Antiguidade, a série *Kaos* recorre aos próprios mitos clássicos como matriz simbólica para pensar um futuro em crise. A distopia, nesse sentido, não é apenas uma ambientação, mas uma forma de narrar a ruína das ordens estabelecidas e das figuras de poder — inclusive as divinas, diante das projeções de um porvir incerto.

Esse gesto narrativo encontra respaldo na própria tradição grega. Na *Teogonia*, de Hesíodo, o mundo nasce do Caos — “No princípio surgiu o Caos, depois Gaia de amplo seio [...]” (*Teogonia*, v. 116–117). A ideia de um cosmos que emerge da desordem, para em seguida ser regido por uma ordem instável, é central para compreender a série. Em *Kaos*, essa ordem mítica — simbolizada pelo domínio de Zeus — começa a se desintegrar. A vacilação do poder divino sugere um retorno simbólico ao caos original, agora não como origem, mas como destino possível de uma civilização em colapso.

A lógica sucessória entre Urano, Cronos e Zeus, marcada por rupturas e disputas violentas, é retomada pela série sob o espectro de uma nova revolta iminente. *Kaos* apresenta um Olimpo fraturado, em que deuses conspiram, se enfrentam e temem ser substituídos. Essa tensão remete aos versos em que Hesíodo descreve como Cronos castra Urano a pedido de Gaia, dando início ao ciclo de violência e desconfiança entre os deuses. (*Teogonia*, v. 154-215), ou quando narra o medo de Cronos de ser destronado por um de seus filhos e a maneira como ele os devora — o que culmina na rebelião de Zeus e sua ascensão ao poder (*Teogonia*, v. 453-506), revelando que a luta pelo poder é contínua, mesmo no plano divino.

Essa perspectiva se aprofunda em *Trabalhos e Dias*, também de Hesíodo, quando o poeta descreve a decadência das idades humanas,⁶ culminando na Idade do Ferro — marcada por corrupção, injustiça e desconfiança generalizada. “O pai não concordará com seus filhos, nem os filhos com seu pai” (Hesíodo, *Trabalhos e Dias*, 183), escreve o autor, anunciando a fragmentação dos vínculos familiares e comunitários. Em *Kaos*, essa atmosfera hesiódica é

⁶ Refere-se à narrativa mítica das cinco idades da humanidade apresentada por Hesíodo em *Trabalhos e Dias* (v. 110–201). Nesse trecho, o poeta descreve uma sequência de eras sucessivas da existência humana, cada uma marcada por um nível progressivamente maior de degradação moral, social e espiritual, até culminar na Idade do Ferro, em que ele próprio afirma viver.

reatualizada: deuses e mortais vivem sob o peso da ruptura simbólica, da desconfiança mútua e da falência dos laços que antes garantiam sentido e pertencimento.

Ao invés de reapresentar os mitos sob roupagens tradicionais ou heroicas – haja vista a teoria hesiódica do caos ser retomada na obra audiovisual da Netflix –, a série se vale da distopia para reativar um padrão narrativo presente na tragédia grega, no qual a queda é inevitável, mas agora sem a promessa de catarse⁷ ou restauração da ordem. O caos não anuncia um novo início, mas uma instabilidade contínua. *Kaos* reinscreve esses mitos, assim, como o suspense psicológico, a serialização episódica e a estética do colapso. Não se trata de simples repetição, mas de reinvenção crítica: o mito não é apenas citado, é transformado em outro, híbrido e múltiplo.

Se, na Antiguidade os mitos explicavam a ordem do mundo e os fundamentos do poder, em *Kaos* eles revelam as falhas dessas mesmas estruturas. O Olimpo, outrora centro da harmonia cósmica, torna-se o cenário de um teatro do absurdo, em que os deuses não sabem mais por que governam, nem os humanos por qual razão obedecem. A força da narrativa opera uma crítica não apenas à Antiguidade, mas também ao presente. É nessa dimensão — literária, intertextual e estética — que reside a potência de sua recepção.

Em suma, *Kaos* exemplifica como os mitos gregos podem ser reativados em tempos de crise não como ruínas congeladas, mas como linguagens críticas em disputa. A série mostra que a narrativa mítica continua viva, mesmo quando os deuses vacilam, e que, diante do colapso, ainda há narrativa possível — ainda há mito, agora contado com as vozes fragmentadas do futuro.

As representações de gênero nos mitos reinventados

No século XXI, a representação de gênero nos mitos gregos tem sido alvo de revisões críticas, especialmente em obras audiovisuais como *Kaos*, que busca subverter e atualizar essas histórias para um público contemporâneo. Na antiguidade arcaica e clássica, os mitos estavam profundamente enraizados em uma estrutura patriarcal: os deuses masculinos

⁷ Catarse, ou *kátharsis*, significa literalmente “purificação” ou “purgamento”, e é um dos conceitos centrais da *Poética* de Aristóteles para definir as sensações do público diante das tragédias gregas. Na *Poética*, Aristóteles afirma que a tragédia deve provocar no espectador emoções de “piedade” (*éleos*) e “temor” (*phóbos*), com o objetivo de realizar, por meio delas, a purificação (*kátharsis*) dessas mesmas emoções (*Poética*, 1449b24–28).

detinham o poder, enquanto as figuras femininas eram retratadas como esposas submissas, vítimas de violência ou personagens vingativas. Mulheres como Medusa e Pandora foram historicamente representadas como perigosas ou amaldiçoadas, frequentemente punidas por sua autonomia ou desejo de conhecimento.⁸ *Kaos* desafia essas convenções ao conferir maior agência às personagens femininas e questionar a estrutura tradicional da mitologia.

Um exemplo marcante é a figura de Hera, amplamente conhecida na tradição helênica por seu ciúme e suas vinganças. Na série, ela aparece como uma mulher que resiste à opressão de um marido autoritário e busca redefinir seu papel no Olimpo. Esse deslocamento ressoa com os debates contemporâneos sobre autonomia feminina e relações de poder dentro de instituições patriarcais. Essa abordagem se alinha com obras literárias como *Circe*, de Madeline Miller (2019), e *Ariadne*, de Jennifer Saint (2022), que também resgatam figuras femininas mitológicas sob uma ótica centrada em suas subjetividades.

A subversão de arquétipos não se limita às mulheres: a masculinidade também é problematizada. O Zeus paranoico, vulnerável e incapaz de lidar com os próprios medos é uma representação em sintonia com a revisão contemporânea dos discursos sobre masculinidade, que se afastam das noções rígidas de dominação para explorar formas mais humanas e complexas de ser homem.

As relações afetivas também são redesenhadas. Enquanto na tradição mitológica muitas histórias de amor eram marcadas por violência, dominação e ausência de consentimento, *Kaos* busca construir vínculos baseados em respeito e reciprocidade. A série propõe novas possibilidades narrativas para os vínculos interpessoais, oferecendo alternativas às dinâmicas hierárquicas da tradição.

A resignificação das personagens femininas também está diretamente ligada ao debate sobre liderança e poder. Durante séculos, os mitos reforçaram a ideia de que apenas os homens estavam aptos a governar, enquanto figuras femininas eram punidas por tentar exercer autoridade. Em *Kaos*, mulheres como Hera e Perséfone ganham protagonismo político e colocam em xeque as regras que sustentam a dominação masculina entre os deuses.

Kaos amplia essas perspectivas ao apresentar essas deidades femininas como agentes políticos, dotadas de desejo, opinião e ação própria, abrindo espaço para representações mais

⁸ Essas questões podem ser observadas em estudos como de Holt Parker (1990) e Jean-Pierre Vernant (1988).

ricas e complexas. A série se afasta da representação clássica que reduz Perséfone à filha raptada ou à rainha submissa do submundo,⁹ para apresentar uma personagem que reflete, planeja e resiste, posicionando-se em relação aos conflitos de poder entre os deuses.

A série ainda investe na reinterpretação das mulheres mortais da mitologia. Muitas narrativas gregas as retratavam como figuras trágicas, determinadas por vontades divinas. *Kaos*, no entanto, atribui a essas personagens uma maior autonomia, permitindo que suas trajetórias não sejam mais apenas reações aos deuses, mas escolhas ativas, como a exemplo da representação da personagem Ariadne. Se, tradicionalmente, sua figura é associada à traição, ao abandono e ao luto amoroso¹⁰ – sendo retratada como uma personagem secundária ligada ao destino dos heróis masculinos –, em *Kaos* essa narrativa é subvertida: Ariadne é representada como uma jovem crítica e resistente, que questiona abertamente a autoridade divina e recusa o papel de vítima passiva.

Essa inversão simbólica está em sintonia com uma tendência mais ampla dos Estudos Clássicos de reavaliar os papéis das mulheres nos mitos à luz das transformações sociais. Ao lidar com essas reconfigurações, *Kaos* contribui também para o debate sobre representatividade na mídia. Durante décadas, adaptações mitológicas priorizaram heróis masculinos como Hércules, Aquiles e Perseu, enquanto relegavam as figuras femininas ao segundo plano. Ao colocar as mulheres no centro da narrativa, a série reequilibra a representação mítica e amplia as possibilidades de identificação do público contemporâneo com os mitos.

Outro elemento potente da série é a forma como lida com a raiva feminina. No imaginário arcaico e clássico, personagens como Medusa e as Erínias foram associadas ao descontrole e à monstrosidade.¹¹ *Kaos*, porém, reconhece a fúria de Hera e o

⁹ (*Hino Homérico a Demeter*, 2, v. 15-21); (*Teogonia*, v. 912-914).

¹⁰ O mito de Ariadne é mais frequentemente desenvolvido em releituras latinas posteriores, especialmente por autores romanos como Catulo (*Carmina*, 64, v. 50-51; 132-133) e Ovídio (*Heroides*, 10, v. 1-6).

¹¹ Para Jean-Pierre Vernant, a monstrosidade da Medusa não se reduz a traços físicos, mas está ligada ao seu poder paralisante, ao olhar que mata e ao terror que ela encarna, sobretudo por não se encaixar nas categorias tradicionais de feminino, divino ou humano. Vernant argumenta que Medusa representa o ponto em que a diferença atinge seu grau máximo, sendo uma imagem da alteridade radical. Ele associa sua cabeça decapitada à função apotropaica, ou seja, de afastar o mal — um paradoxo, já que o rosto de Medusa, ao mesmo tempo em que é fonte de terror, também protege ao ser exibido como escudo por Atena. (Vernant, 1988, p. 38-70). Também Vernant, juntamente à Pierre Vidal-Naquet, analisam o papel das Erínias na tragédia *Eumênides*, de Ésquilo. Eles destacam que as Erínias representam uma forma arcaica de justiça baseada na vingança familiar, anterior à justiça institucionalizada da pólis ateniense, vinculada a uma perspectiva simbólica de sangue e selvageria. Essa transição é simbolizada pela transformação das Erínias nas Eumênides, protetoras da cidade,

descontentamento de Perséfone como uma resposta legítima à opressão e à violência histórica, recusando a demonização dessas emoções e incorporando-as como forças de resistência e transformação.

Em última instância, *Kaos* demonstra que os mitos são organismos vivos, abertos à reinterpretção. Ao atualizar suas histórias sob a ótica das relações de gênero, a série não apenas dialoga com a cultura pop, mas também com os Estudos de Recepção, mostrando que as narrativas clássicas continuam a exercer forte influência sobre os debates contemporâneos sobre identidade, poder e transformação social. Com suas releituras ousadas, *Kaos* prova que a mitologia pode ser reinventada sem perder sua essência. Ao desafiar estruturas patriarcais e ressignificar personagens esquecidas ou marginalizadas, a série oferece não apenas entretenimento, mas também uma reflexão crítica e inclusiva sobre o passado — e, sobretudo, sobre os rumos do presente e do futuro.

Considerações finais

Ao explorar a série *Kaos* à luz dos Estudos de Recepção, da Adaptação e do diálogo com os Estudos Clássicos e Literários, este artigo buscou evidenciar como os mitos gregos permanecem como dispositivos simbólicos vivos, continuamente atualizados pelas linguagens da cultura contemporânea. A releitura promovida pela série não se limita à transposição de narrativas antigas para um novo meio, mas opera uma profunda reconfiguração discursiva, na qual as estruturas de poder, as representações de gênero e as noções de identidade são tensionadas e ressignificadas. O Olimpo, outrora símbolo de ordem e autoridade incontestável, transforma-se em cenário de crise, instabilidade e confronto ético — um espelho crítico dos impasses do presente.

Kaos reformula os mitos gregos em um universo intertextual marcado pela hibridez estética e pela experimentação narrativa, evidenciando o potencial dessas histórias para expressar as complexidades da subjetividade contemporânea. A humanização das divindades, a valorização de vozes historicamente marginalizadas e a revisão das normas de gênero revelam uma poética da desconstrução que aproxima a série das tendências mais recentes da

refletindo a mudança de uma justiça privada para uma pública e coletiva. (Vernant; Vidal-Naquet, 1988, p. 160-164).

crítica literária e da história cultural. Nesse sentido, a obra estabelece pontes entre a tradição e a inovação, articulando uma leitura crítica do cânone clássico por meio das ferramentas narrativas da cultura pop globalizada.

Ao tratar os mitos como formas maleáveis e abertas à disputa simbólica, *Kaos* reafirma que o passado não é uma herança imutável, mas um campo em constante reelaboração. A série mostra que os mitos continuam a operar como estruturas interpretativas fundamentais, capazes de articular visões críticas sobre poder, corpo, desejo e sociedade — não como temas arcaicos, mas como questões urgentes da contemporaneidade.

Por fim, *Kaos* reafirma o valor das narrativas míticas como formas literárias plurais, aptas a atravessar tempos, espaços e linguagens. Sua inscrição na cultura pop e sua recepção global demonstram que os mitos gregos, longe de esgotados, continuam a ser reativados por novas estéticas e novas leituras. Nesse processo de recriação, que envolve intertextualidade e crítica, os mitos se transformam em ferramentas poderosas, capazes de iluminar as tensões do presente e projetar futuros possíveis. O que *Kaos* nos ensina, afinal, é que os deuses caem, se reinventam e retornam como metáforas das reinvenções permanentes da cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução para o inglês de W. H. Fyfe. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0056>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CATULO, Caio Valério. *Carmina*. Edição de Leonard C. Smithers. Londres: Smithers, 1894. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.02.0006>. Acesso em: 23 mar. 2025.

FÚRIA DE TITÃS. Direção de Louis Leterrier. Estados Unidos: Warner Bros, 2010. 1 DVD (106 min).

HÉRCULES. Direção de Ron Clements e John Musker. Estados Unidos: Walt Disney Pictures, 1997. 1 DVD (93 min).

HESÍODO. *Teogonia*. Tradução para o inglês de Hugh G. Evelyn-White. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0130>. Acesso em: 07 ago. 2024.

HESÍODO. *Trabalhos e Dias*. Tradução para o inglês de Hugh G. Evelyn-White. Disponível em: <https://www.perseus.tufts.edu/hopper/text?doc=Perseus:text:1999.01.0132>. Acesso em: 18 set. 2024.

HINO HOMÉRICO A DEMÉTER. Tradução de Thais Rocha Carvalho. Texto grego de Naill Richardson (1974). O Hino Homérico a Deméter: texto grego e tradução comentada. São Paulo: s.n., 2019. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8143/tde-16082019-133218/pt-br.php>. Acesso em: 11 fev. 2025.

KAOS. Criação de Charlie Covell. Reino Unido: Netflix, 2024. Série de TV (streaming).

MILLER, Madeline. *Circe*. Tradução de Geni Hirata. Rio de Janeiro: Planeta, 2019.

OVID. *Heroides: select epistles*. Tradução de Peter Knox. New York: Cambridge University Press, 1995.

PERCY JACKSON E O LADRÃO DE RAIOS. Direção de Chris Columbus. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2010. 1 DVD (118 min).

PERCY JACKSON E O MAR DE MONSTROS. Direção de Thor Freudenthal. Estados Unidos: 20th Century Fox, 2013. 1 DVD (106 min).

PERCY JACKSON E OS OLIMPIANOS. Criação de Rick Riordan e Jonathan E. Steinberg. Estados Unidos: Disney+, 2023. Série de TV (streaming).

RIORDAN, Rick. *Percy Jackson e os Olimpianos* (vols. 1–5). Tradução de Ricardo Gouveia. São Paulo: Intrínseca, 2005–2009.

SAINT, Jennifer. *Ariadne*. Tradução de Cássia Zanon. São Paulo: Planeta, 2022.

Bibliografia

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade Líquida*. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa; Heloisa Pezza Cintrão. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

CARVALHAL, Tânia Franco. *Literatura Comparada*. 4 ed. São Paulo: Ática, 2006.

DODDS, Eric Robertson. *Os gregos e o irracional*. Tradução de Paulo Domenech Oneto. São Paulo: Escuta, 2002.

HARDWICK, Lorna. *Reception Studies – Greece & Rome New Surveys in the Classics*, n. 33. Reimpressão. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

HOBBSAWM, Eric. A invenção das tradições. In: HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs). *A invenção das tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 9-23.

HUTCHEON, Linda. *Uma teoria da adaptação*. Tradução de André Cechinel. 2 ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 2013.

JENKINS, Henry. *Cultura da Convergência*. Tradução de Susana Alexandria. 2 ed. São Paulo: ALEPH, 2009.

MARTINDALE, Charles. *Redeeming the text – Latin poetry and the hermeneutics of reception*. Cambridge University Press, 1993.

PARKER, Holt Neal. Pandora unbound. In: HALPERIN, David; WINKLER, John; ZEITLIN, Froma. (orgs.). *Before sexuality: the construction of erotic experience in the ancient Greek world*. Princeton: Princeton University Press, 1990. p. 163–206.

VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. *Mito e Tragédia na Grécia Antiga*. Tradução de Anna Lia de Almeida Prado; Filomena Yoshie Hirata Garcia; Maria da Conceição Cavalcante. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

VERNANT, Jean-Pierre. *A morte nos olhos: figuração do outro na Grécia Antiga – Ártemis e Gorgó*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro; Jorge Zahar, 1988.